

EM BUSCA DO ESPAÇO PERDIDO: A NOÇÃO DE ESPAÇO NA TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE BENVENISTE

Gabriela Barboza

RESUMO: *Este trabalho tem por objetivo discutir questões referentes ao estudo da noção de espaço na obra de Émile Benveniste. Para tanto, utilizo como corpus alguns textos do autor em que procuro relacionar as noções de dêixis, indicador de subjetividade, espaço, enunciação. Com base nessas relações, busco formular hipóteses sobre a presença/ausência do espaço nos textos e sobre o que se fundamenta tal noção. Assim, considero que a noção de espaço figure tão pouco na obra de Benveniste em função de sua relação com a realidade do mundo dos objetos, que não interessa à teoria da enunciação benvenistiana.*

PALAVRAS-CHAVE: *Benveniste – enunciação – espaço*

RESUMEN: *Este trabajo tiene por finalidad discutir cuestiones que respetan al estudio de la noción de espacio en la obra de Émile Benveniste. Para eso, utilizo como corpus algunos textos del autor en los cuales intento relacionar las nociones deíxis, indicador de subjetividad, espacio, enunciación. Basada en dichas relaciones, planeo formular hipótesis sobre la presencia o ausencia del espacio en los textos y sobre qué se basa esa categoría. De esa manera, juzgo que la categoría de espacio aparezca tan pocas veces en la obra de Benveniste por su relación con la realidad del mundo de los objetos, que no le interesa a la teoría de la enunciación benvenistiana.*

PALABRAS-CLAVE: *Benveniste – enunciación – espacio*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pretendo, com este trabalho, desenvolver, ainda que de maneira sucinta, um estudo teórico a respeito da noção de espaço nos estudos enunciativos elaborados por Émile Benveniste em alguns de seus textos constantes dos livros *Problemas de Linguística Geral I e II*¹.

O interesse por tal temática surgiu em função dos debates desenvolvidos em aula a respeito das noções de pessoa-tempo-espaço na obra de Benveniste. A partir disso,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – *Teorias do Texto e do Discurso* – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista CAPES-REUNI (PAG-Português), graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e graduanda em Letras-Espanhol pela UFRGS. E-mail: barboza.gabrielab@gmail.com

¹ Em função de que os textos utilizados para este trabalho se encontram em dois volumes diferentes, utilizarei a sigla PLG (*Problemas de Linguística Geral*), I ou II (número do volume do livro), 1969 (data da publicação do texto) para sinalizar em que livro se encontra o texto, de modo que a referência no corpo do texto fique da seguinte forma, para se referir, por exemplo, ao texto *O aparelho formal da enunciação*: PLG II, 1969.

busquei, nos dois volumes de PLG, termos e noções que se referissem e relacionassem, direta ou indiretamente, ao estudo do espaço da/na enunciação e, para minha surpresa, encontrei pouquíssimos. Em contrapartida, sequer seria necessário fazer uma busca muito minuciosa para encontrar, em diversos textos do autor, a explicitação de sua preocupação com as noções de pessoa e tempo. Em muitos deles, como *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (PLG I, 1946), *A natureza dos pronomes* (PLG I, 1956), *A linguagem e a experiência humana* (PLG II, 1965), entre outros, é possível observar que o autor teoriza a respeito das duas noções. E o espaço do *espaço*? Não é tão longamente desenvolvido quanto os outros.

Os textos de Benveniste que utilizarei como base para este estudo são²: *A linguagem e a experiência humana* (PLG II, 1965), *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (PLG I, 1946), *A natureza dos pronomes* (PLG I, 1956), *Da subjetividade na linguagem* (PLG I, 1958) e *O aparelho formal da enunciação* (PLG II, 1970). Considero que, embora esses textos não sejam os únicos a tratar da relação subjetividade – indicador de subjetividade, possam ser considerados alguns dos mais representativos relativos à questão.

Entendo que, para atingir meu objetivo, não seja possível pensar tão somente a noção de espaço na teoria benvenistiana, sem nenhuma relação com o restante dos conceitos e noções, mas que se torna necessário, também, traçar um percurso de leituras, evidenciando conceitos-chave que me auxiliem na compreensão da problemática e, ainda, para constituir algumas relações entre tais conceitos na obra do autor. Estabelecer tal percurso parece-me coerente para contemplar a grandiosidade do pensamento de Benveniste, ademais de contribuir para o entendimento de que sua teoria da enunciação não fora por ele desenvolvida enquanto teoria, mas se tratava de um pensamento em construção, sujeito a reformulações, abandonos, superações. O que se convencionou chamar de teoria da enunciação de base benvenistiana não foi por ele proposta, mas, a partir da leitura de um conjunto de textos, foi possível verificar uma constante preocupação com as questões de sujeito e sentido na linguagem e, somente assim, pode-se pensar na presença de uma teoria dita da enunciação na obra de Benveniste.

Nossa primeira parada no percurso de leituras que me proponho a fazer corresponde ao primeiro tópico, em que busco, de forma bastante sucinta, e, talvez, por isso, redutora, localizar a Linguística da Enunciação e Émile Benveniste como seu fundador.

No andamento de nosso percurso, busco estabelecer relações entre a *déixis* e os indicadores de subjetividade. Esta questão sempre me intrigou: se, conforme o discurso corrente, Benveniste, em seus estudos iniciais a respeito da subjetividade na linguagem, atrela sua marcação à *déixis*, por que esse termo é tão pouco utilizado em seus textos, em oposição à noção de indicador de subjetividade, fortemente presente nos textos escolhidos? Têm os dois a mesma base teórica? Qual o alcance de cada noção? Tentarei problematizar tais pontos ao longo da seção.

² Utilizo a data da primeira publicação dos textos e livros de Benveniste neste trabalho.

Após demarcar o lugar da *déixis* e dos indicadores de subjetividade, passo à terceira seção, em que procuro, mais do que dar respostas, levantar hipóteses sobre como se configura o espaço na teoria benvenistiana da enunciação. Como já explicitarei acima, ao buscar noções que se referissem ao esquema trinitário pessoa-tempo-espaço, encontrei muito poucas relativas a este e muitas relativas àqueles. Penso que o vasto aparecimento de pessoa-tempo em detrimento do espaço não se dê fortuitamente e julgo necessário buscar de que forma tais noções se relacionam entre si, mas, principalmente, de que forma a noção de espaço se relaciona com as noções ligadas à subjetividade e sua marcação no discurso.

Finalmente, nas considerações finais, busco avaliar em que medida meus objetivos iniciais foram alcançados, além de apontar para algumas reflexões e questionamentos provenientes desta investigação.

ÉMILE BENVENISTE E A LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO

A ciência que se convencionou denominar Linguística da Enunciação congrega diversos estudiosos que, por sua vez, abordaram a enunciação em diferentes momentos e, não só, mas também por isso, sob diferentes perspectivas. Cada um, a seu modo, enfatizou a relação que determina a enunciação e marca a presença da subjetividade no discurso, atribuindo os mais diversos sentidos a cada apropriação³ da língua. Em outras palavras, a Linguística da Enunciação trata o fenômeno enunciativo da linguagem desde um ponto de vista que considera sujeito e sentido articulados.

Estudiosos como Roman Jakobson, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin, Oswald Ducrot, Jacqueline Authier-Revuz, Katerine Kerbrat-Orechionni, Antoine Culioli, entre outros, fazem parte da Linguística da Enunciação⁴. Dentre todos esses autores, Émile Benveniste é o que parece ter maior destaque em função de ser considerado o fundador do campo da Linguística da Enunciação, mas, sobretudo, pelo brilhantismo com que aborda o fenômeno da enunciação em seus textos.

Embora nós, brasileiros, conheçamos Benveniste basicamente por seus trabalhos referentes à enunciação, podemos falar, de acordo com Normand (2009), de diferentes leituras da obra de Benveniste, que não se restringem aos PLG:

1º- Leitura comparatista: obras de 1935, 1948 e 1969⁵ em que se privilegiam os estudos indo-europeus. Trata-se de uma leitura de filólogos e linguistas das línguas clássicas.

³ Flores esclarece a utilização de “apropriação” na obra de Benveniste como mais próximo de “tornar próprio de si” (2008, p. 19). Embora seu esclarecimento seja específico para um autor, talvez seja possível, neste caso, estendê-lo à Linguística da Enunciação como um todo.

⁴ Para obter mais informações a respeito dos autores e de sua inclusão na Linguística da Enunciação, consultar Flores e Teixeira (2005) e Flores *et al.* (2009).

⁵ São os textos *Origine de la formation des noms en indo-européen* (1935); *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* (1948) e *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* (1969). A referência completa se encontra nas referências bibliográficas.

2º - Leitura estruturalista: é a leitura feita pelos então novos linguistas da década de 1970. “Trata-se de textos gerais, ligados à difusão do estruturalismo na França, de alguma forma artigos de vulgarização ou pelo menos que visam uma formação inicial” (NORMAND, 2009, p.13).

3º - Leitura da “teoria da enunciação”: associada às seções *A comunicação e O homem na língua* dos dois volumes do PLG. Só se passa a fazer essa leitura a partir de 1970, quando da publicação do artigo *O aparelho formal da enunciação* e torna-se a leitura dominante, praticamente exclusiva.

Linguística histórico-comparatista, estruturalismo e enunciação – esses parecem ter sido os principais interesses da obra benvenistiana, ainda que o autor seja lembrado apenas pela última.

Sobre a grandiosidade e brilhantismo do pensamento de Benveniste a respeito da enunciação, Roland Barthes considera que

Benveniste deu corpo científico a uma noção que assumiu a maior importância no trabalho de vanguarda: a enunciação. A enunciação não é o enunciado (por certo), e não é tampouco (proposição mais sutil e mais revolucionária) a simples presença da subjetividade no discurso, ela é o ato, renovado, pelo qual o locutor toma posse da língua (apropria-se dela, diz com justeza Benveniste): o sujeito não é anterior à linguagem, só se torna sujeito na medida em que fala; em suma, não há “sujeitos” (e, portanto, não há “subjetividade”), há apenas locutores; bem mais – e isso é lembrado incessantemente por Benveniste – só há interlocutores. [...] Benveniste funda uma lingüística nova, que não existe em nenhum outro autor (e muito menos em Chomsky): a lingüística da interlocução; a linguagem, e, portanto, o mundo inteiro, articula-se sobre essa forma: eu/tu [...]. O interesse direto do novo livro de Benveniste está nisto: é o livro da enunciação. (BARTHES, 1974, p. 182)

Este belíssimo trecho do texto de Barthes, além de demonstrar a importância de Benveniste para os estudos da enunciação, sintetiza algumas das noções fundamentais na teoria benvenistiana: a enunciação não é o enunciado, pois se trata do ato mesmo de o locutor apropriar-se da língua, propondo-se como sujeito e ao outro como seu interlocutor; a subjetividade só existe na e pela enunciação, antes dela temos locutores que se apropriam da língua: “a linguagem (língua) é, pois, a possibilidade da subjetividade” (BENVENISTE, 1958, p. 289); a intersubjetividade é anterior à subjetividade (“a lingüística da interlocução”, nas palavras de Barthes), pois a noção de diálogo funda a possibilidade de comunicação humana: “Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem” (ibid., p. 285).

Certamente há outras noções também fundamentais na teoria de Benveniste, mas, para tratar da noção de espaço, julgo que seja primordial entender a enunciação em Benveniste, além da (inter)subjetividade. É de tais noções que tratarei, de maneira bastante breve, a seguir.

Na obra de Benveniste, podemos observar que há diversos conceitos para a noção de enunciação, mas, em função de este não ser um trabalho que queira estudar exaustivamente a tal noção⁶, opto pelo conceito mais difundido, presente no texto *O aparelho formal da enunciação* (PLG II, 1970). Para Benveniste (1970), enunciar é colocar a língua em uso, através de um ato individual de apropriação das formas da língua. O autor nos orienta a tomar o cuidado de não associar, de modo simplista, a enunciação à fala, pois atrelá-la somente a esta é reduzir a noção de enunciação proposta por ele. A enunciação é o próprio ato de apropriação da língua – seja apropriação pela fala, pela escrita, por outros meios intersemióticos (como a língua de sinais). “Esse ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta” (id., 1970, p. 82) e, assim, transforma-se em sujeito e converte a língua em discurso. Como a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso, então ela é única, ou seja, é da ordem do irrepetível. O autor alerta-nos de que a condição específica para a enunciação é o ato em si, não o enunciado ou o texto de seu enunciado. Além disso, o mestre afirma que, através da enunciação, certos signos passam a ter existência, tais como *ego*, *hic* e *nunc*.⁷

Em relação à noção de (inter)subjetividade, Charaudeau e Maingueneau afirmam que há outros linguistas que se interessaram pelo aspecto subjetivo da língua, “mas é em Benveniste que se deve atribuir um estatuto verdadeiramente linguístico à noção de subjetividade” (2004, p. 456).

O estudo das marcas da enunciação, inicialmente creditadas a um certo número de signos, é o que, parece-me, inaugura a reflexão sobre a subjetividade na linguagem, cuja função fundamental é a constituição do sujeito, ou seja, a capacidade de o locutor, ao enunciar(-se), propor-se como sujeito. É a partir das correlações de *personalidade* (personalidade na tradução brasileira) e *subjetividade*⁸ que Benveniste passa a definir quais “pessoas” estão aptas a se tornar sujeito. Em *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste postula que “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no discurso” (1958, p. 286), mas, além disso, argumenta que, antes de o locutor remeter-se a si como *eu* no discurso, há a intersubjetividade, que é anterior à assunção da língua por um locutor para tornar-se sujeito. Dito de outra forma, a intersubjetividade não é mera possibilidade casuística ou decorrente da enunciação: ela é condição *sine qua non*. Desse modo, o autor estabelece como fundamental a noção de alteridade para a concepção da subjetividade: “é numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (ibid., p. 287).

Após essa explanação sumária a respeito de enunciação e intersubjetividade, passo ao terceiro tópico.

⁶ Para um exame extremamente detalhado e rico acerca da noção de enunciação, ver Ono (2006).

⁷ Não abordarei em profundidade cada noção neste trabalho, mas explorarei, de algum modo, a noção de *déixis* e indicador de subjetividade no tópico seguinte.

⁸ Tais correlações são estabelecidas no texto *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946) que está no PLG I.

DÊIXIS E INDICADOR DE SUBJETIVIDADE

Conforme já explicitarei nas *Considerações Iniciais*, entender de que modo a *dêixis* faz parte da teoria benvenistiana da enunciação sempre foi uma questão que me intrigou e que não havia sido resolvida.

É sabido que, em boa parte da literatura especializada da área de Linguística, afirma-se que a *dêixis* é a principal reveladora da subjetividade no discurso, sendo essa noção a pedra de toque na teoria de Benveniste. No entanto, acredito que essa visão seja, de alguma forma, um tanto quanto equivocada e reducionista da obra do mestre. De acordo com Aresi, “há um discurso de caráter ‘reduzido’ com que geralmente se olha para os estudos enunciativos, sendo comum a crença de que a enunciação restringe-se apenas às relações de pessoa, tempo e espaço (eu-tu-aqui-agora) e, conseqüentemente, de que seu estudo deva se restringir apenas a essas marcas linguísticas” (2011, p. 263). Sabemos que este é apenas um ponto da teoria de Benveniste, um primeiro momento e que em seu último texto⁹, o autor postula que a subjetividade está em toda a língua, seja através de índices específicos, seja através de procedimentos acessórios¹⁰.

Para tentar, de alguma forma, resolver minha dúvida, busquei em Lahud (1979) uma primeira orientação sobre o que seja *dêixis*. O autor, em seu livro *A propósito da noção de dêixis*, desenvolve, como o próprio título antecipa, um longo e valioso estudo a respeito da noção, fruto de sua tese de doutoramento. Não obstante, tal estudo pertence ao campo mais da filosofia que da linguística, como argumenta o próprio autor: “nem propriamente linguística, nem histórica, a investigação aqui apresentada gira, portanto, inteiramente em torno da questão epistemológica: ‘o que é a *dêixis*?’” (LAHUD, 1979, p. 45).

O autor a define como “a ação de mostrar, indicar, assinalar” (ibid., p. 40). Afirma, ainda, que a palavra é utilizada para designar a definição de um objeto ou de um signo que reduz ao ato de mostrar esse objeto ou um objeto ao qual o signo se aplique. Desse modo, é possível afirmar que tal noção de *dêixis* está ligada à ostensão e, portanto, sua referência está no mundo dos objetos.

Embora seja comum considerar que a *dêixis* é uma noção utilizada por Benveniste e que seu equivalente seja *indicador de subjetividade*, não acredito que seja possível sustentar tal afirmação por dois motivos que passo a explicitar.

O primeiro diz respeito ao fato de que a noção de *dêixis* seria equivalente à de indicador de subjetividade. De acordo com a definição de Lahud, a noção de *dêixis* supõe língua articulada à realidade, ou seja, o elemento dêítico possui um referente no mundo dos objetos. No caso da noção de indicador de subjetividade, não há relação de língua com a realidade, ou melhor, a realidade com que se relaciona a língua, no caso de

⁹ Refiro-me ao *Aparelho Formal da Enunciação*, publicado em 1970 na revista *Langages* e em 1974 no segundo volume do PLG. É a última produção de Benveniste em função de que dois anos após a publicação do PLG II, o autor morre.

¹⁰ Para obter maiores informações a respeito de índices específicos e procedimentos acessórios, consulte Aresi (2011).

Benveniste, é de outra ordem, é uma realidade que só existe na e pela enunciação: uma realidade de discurso, que se dá nas instâncias de discurso. De acordo com Benveniste,

qual é, portanto, a “realidade” à qual se refere eu ou tu? Unicamente uma “realidade de discurso”, que é coisa muito singular [...]. Eu só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente por aí. Não tem valor a não ser na instância na qual é produzido. (BENVENISTE, 1956, p. 278)

“A que, então, se refere o eu? A algo de muito singular, que é exclusivamente linguístico [...]. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro da instância de discurso. A realidade à qual ele remete é a realidade de discurso” (id., 1958, p. 288). A partir dessa definição de realidade para Benveniste, a noção de indicador de subjetividade se configura de maneira diversa à da *dêixis*.

A noção de realidade de discurso está diretamente relacionada à noção de instância de discurso e à referência, pois os indicadores se referem à instância de discurso e nela são produzidos. Dito de outra forma, os indicadores são produzidos na e pela enunciação e se marcam na instância de discurso, que é única a cada enunciação e que significa a cada novo ato todo o tempo, o que Dessoins chama de “processo infinito da individuação”¹¹ (2006, p. 110). Em vez de referente, temos, com o indicador de subjetividade, referência, que remete à realidade de discurso e não à realidade empírica.

Dessa forma, acredito que seja uma impropriedade tratar *dêixis* e indicador de subjetividade¹² como sinônimas, em função das diferenças relativas a cada noção. Tais diferenças são determinantes e impossibilitam que se pense em uma articulação de noções.

O segundo motivo diz respeito à afirmação de que a *dêixis* é uma noção utilizada por Benveniste e sua refutação decorre do primeiro motivo. Em um primeiro momento, fui em busca da palavra *dêixis* e seu derivado, dêitico, ao longo dos dois PLG e encontrei apenas quatro ocorrências em três contextos de utilização, como mostra o quadro:

OCORRÊNCIAS DA PALAVRA <i>DÊIXIS</i> E <i>DÊITICOS</i>			
CONTEXTO	1	2	3
OCORRÊNCIA	“Não adianta nada definir esses termos e os demonstrativos em geral pela <i>dêixis</i> , como se costuma fazer, se não se acrescenta que a <i>dêixis</i> é contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa”	“[...] Desses pronomes [pessoais] dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo status. São os indicadores da <i>dêixis</i> , demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais [...]. Têm em comum o traço de se definirem somente em relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do <i>eu</i> que aí se enuncia”	“[...] Alguns outros indicadores partilham a mesma situação, notadamente a série dos <i>dêiticos</i> . Indicando os objetos, os demonstrativos organizam o espaço a partir de um ponto central, que é <i>ego</i> , segundo categorias variáveis. O sistema de coordenadas espaciais se presta também para localizar todo objeto em qualquer campo que seja, uma vez que aquele que o organiza está ele -próprio designado como centro e ponto de referência.”
TEXTO	<i>A natureza dos pronomes</i> (PLG I, 1956)	<i>Da subjetividade na linguagem</i> (PLG I, 1958)	<i>A linguagem e a experiência humana</i> (PLG II, 1965)

Figura 1 – Ocorrências das palavras *déixis* e dêiticos.

A partir dos contextos em que foram encontradas as palavras *déixis* e dêiticos, é possível desenvolver algumas questões. A noção de *déixis* está, na maioria dos casos, relacionada à instância de discurso, como já afirmei acima. Além disso, a leitura que faço é a de que, para Benveniste, a *déixis* está mais próxima dos demonstrativos e do tempo (mais daquele que deste), e subjaz à noção de pessoa, que não faria parte da *déixis*. Teríamos, então, uma hierarquização de noções, em que o *eu* é o centro de referência:

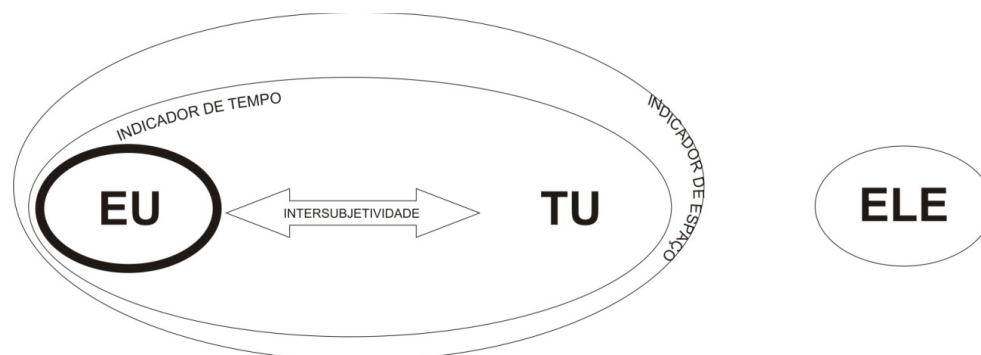


Figura 2 – Hierarquização de noções.

A partir do que depreendo da noção de *déixis* postulada por Benveniste, posso afirmar que esta não tem relação com os indicadores de subjetividade, tampouco com a realidade de discurso. Ora, se *déixis* não tem relação com a realidade que interessa a Benveniste, então não há motivos para que a palavra figure representativamente nos textos do autor.

Diante das discussões levantadas neste tópico, acredito que seja possível e necessário separar nitidamente a *déixis* – noção que remete à ordem do real e pressupõe pessoas reais – do indicador de subjetividade – noção que remete à ordem do discurso e “pessoas” que existem somente via enunciação, marcadas na instância de discurso.

Para dar sequência ao estudo, passo a desenvolver as questões relativas à noção de espaço na obra de Benveniste.

COMO SE CONFIGURA A NOÇÃO DE ESPAÇO NA TEORIA BENVENISTIANA DA ENUNCIÇÃO?

Já está esclarecido que, em um determinado momento de sua teoria, Benveniste considera que a subjetividade se marca basicamente nas noções de pessoa-tempo-espaço. No entanto, não me parece suficiente afirmar tal fato, julgo necessário saber

como tais noções se relacionam entre si nos textos e como cada uma se relaciona com a teoria enunciativa benvenistiana. Neste trabalho, pretendo abordar apenas uma delas: a noção de espaço.

Diversos autores (FILINICH, 1998; FIORIN, 2008) já desenvolveram estudos a respeito das noções de pessoa-tempo-espaço, seja abordando todas, seja estudando uma ou outra. Embora todas elas sejam extremamente valiosas e tenham contribuído consideravelmente para o progresso da área, nenhum dos estudos de que tenho conhecimento desenvolvem tal investigação tomando por base a teoria de Benveniste. Na área da Linguística, os estudos se centram principalmente na semiótica greimasiana, em função de o autor ter desenvolvido profundamente pesquisa a respeito de tais categorias. Já os trabalhos que remetem a Benveniste tratam ou dos estudos sobre a pessoa, abundante e profundamente presente em sua obra, ou do tempo, igualmente presente em abundância e profundidade. Por que não encontramos trabalhos que desenvolvam estudos sobre o espaço na obra de Benveniste?

Fiorin observa que,

das três categorias da enunciação, a menos estudada tem sido o espaço. Benveniste [...] diz que a enunciação é a instância do *ego-hic-nunc*, estuda detidamente as categorias de pessoa e tempo em *Problèmes de Linguistique Générale I et II*, mas dedica sempre poucas linhas à questão do espaço. (FIORIN, 2008, p. 258)

Diante disso, a resposta parece simples: não há trabalhos sobre a noção de espaço na teoria da enunciação de Benveniste porque o autor não desenvolveu maiores estudos sobre ela. Minhas dúvidas terminariam aqui. Entretanto, ao me deparar com tal situação, outro questionamento surgiu: por que a noção de espaço não é teorizada por Benveniste?

Não pretendo, de nenhuma forma, incorrer no erro de buscar as “intenções” do autor, tampouco afirmar que é relegado à noção de espaço um papel secundário, inferior. Parece-me necessário buscar compreender qual o fundamento da noção de espaço para, assim, apontar para alguma possibilidade de compreensão. Em outras palavras, busco definir sobre que base está calcada a noção de espaço no interior da teoria da enunciação de Benveniste para, talvez assim, vislumbrar respostas.

Conforme procedi com outras palavras-alvo de meu estudo, empreendi uma busca em torno da palavra espaço e seus derivados. Dos cinco contextos de emprego, apenas um é utilizado de forma que se relacione com as questões propostas neste trabalho, a saber:

O pronome pessoal não é a única forma desta natureza. Alguns outros indicadores partilham a mesma situação, notadamente a série dos dêiticos. Indicando *os objetos*, os demonstrativos organizam o espaço a partir de um ponto central, que é ego, segundo categorias variáveis. O sistema de coordenadas espaciais se presta também para localizar todo objeto em qualquer campo que seja, uma vez que aquele que o organiza está ele-próprio designado como centro e ponto de referência. (BENVENISTE, 1965, p. 69, grifos meus)

Ainda, efetuei uma busca com a ferramenta “hierarquias de conceitos simples”, disponível no sítio do projeto *Benveniste on-line*¹³ e não encontrei a noção de espaço como fazendo parte de nenhuma hierarquia. Em contrapartida, as noções de pessoa e tempo possuem lugar fundamental na ferramenta que hierarquiza conceitos presentes no *corpus Benveniste PT*¹⁴.

Acredito que seja pertinente tecer alguns comentários sobre o trecho citado, relacionando-o às noções estudadas na seção anterior.

Ora, é possível verificar que em “Alguns outros indicadores partilham a mesma situação, notadamente a série dos dêiticos. Indicando os objetos”, Benveniste considera dêiticos especialmente os pronomes demonstrativos, que indicam lugar. Esse lugar, ao que me parece, está ancorado na realidade dos objetos, pois o autor explicita a “série dos dêiticos” como organizando a distância ou proximidade entre o *referente* e o sujeito que enuncia.

A partir da definição que Lahud nos traz sobre *dêixis*, é possível relacioná-la à noção de espaço, já que os dêiticos estão diretamente ligados à ostensão. Estando relacionados à ostensão, ou seja, relacionados à empiria, não há motivos para desenvolver a noção de espaço, de acordo com a leitura que proponho, na teoria enunciativa de Benveniste. Caso a teoria de Benveniste fosse Pragmática, faria sentido estudar a noção de espaço relacionada a sujeitos empíricos, portadores de CPF e RG. No entanto, não é disso que se trata na obra de Benveniste, mas da realidade de discurso, conforme já explicitiei acima.

Com base na leitura que venho desenvolvendo até o momento, em que proponho que a *dêixis* não pode e não deve ser atrelada à noção de indicador de subjetividade, acredito que seja possível formular a hipótese de que a noção de espaço não é tratada por Benveniste porque está fundamentada, principalmente, na realidade empírica, que não interessa ao autor. Dito de outra forma, a relação da noção de espaço com a ostensão e a *dêixis* faz com que ela figure como de menor importância para o estudo da enunciação na teoria de Benveniste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei, neste trabalho, ir em busca da noção de espaço na teoria de Benveniste. Para tanto, desenvolvi um percurso de estudos até chegar ao alvo de minha investigação. Assim, foi possível evidenciar questões pertinentes em que as noções de *dêixis*, realidade e espaço estão interligadas. Pontos como a desvinculação do indicador de subjetividade à *dêixis*, a noção de realidade a que se refere Benveniste nos textos escolhidos foram destacados neste estudo. Além disso, formulei a hipótese de que a noção de espaço não é desenvolvida com o mesmo afincamento com que Benveniste aborda

¹³ Para maiores informações sobre o projeto, acesse <http://www6.ufrgs.br/letras/benvenisteonline/>.

¹⁴ *Corpus* também presente no sítio do projeto *Benveniste on-line*.

as noções de pessoa e tempo porque, assim como a *dêixis*, o espaço, neste caso, está relacionado a uma realidade que não diz respeito nem à enunciação, nem à língua.

Certamente a leitura que desenvolvi neste estudo não esgota as possibilidades de proposições de leitura para a questão que me coloquei. No entanto, acredito que o trajeto que percorri aponte para outros questionamentos e traga algumas implicações para a reflexão dos linguistas que estudam as teorias da enunciação.

Em relação à reflexão, acredito que, ao evidenciar que a *dêixis* não é sinônima de indicador de subjetividade, é necessário pensar uma outra forma de tratar determinados momentos da teoria de Benveniste. O que parecia tão sólido, como a utilização da noção de *dêixis* pelo autor, desfaz-se com uma busca um pouco mais detalhada ao longo dos PLG. Ainda, ao destacar que a noção de espaço não possui o mesmo *status* que as noções de pessoa e tempo na teoria de Benveniste, elas não devam ser lidas da mesma forma, já que são de ordens diferentes. Diante disso, julgo que seja válida uma mudança de posicionamento e, mais, uma mudança de questionamentos, em que o analista passe a procurar os fundamentos do que parece dado como verdade, pois, de acordo com nosso mestre fundador da ciência linguística, “às vezes, é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe” (SAUSSURE, 1916, p. 82).

Além das reflexões, cabe também evidenciar alguns dos questionamentos para os quais este breve estudo aponta. Acredito que, para dar sequência a esta investigação, seja necessário aprofundar estudos a respeito da noção de instância de discurso e as relações que esta possui com a noção de enunciação. Atribuir a cada noção seu devido lugar é fundamental para poder elaborar de forma mais madura as reflexões aqui propostas, já que é na instância de discurso que se encontram os indicadores de subjetividade. Desenvolver melhor a própria noção de indicador de subjetividade também me parece crucial, tendo em vista que uma leitura superficial demonstra que o sintagma *indicador de subjetividade* é raramente encontrado nos textos que serviram como *corpus* para este estudo. Do mesmo modo, considero que seja necessário repensar o que se entende por categorias de enunciação. Tal questionamento surgiu em função das reflexões para este trabalho: como categorizar em enunciação se temos, sempre e sempre, sujeito, sentido e referências novos? Fazê-lo não seria, de certo modo, desconsiderar a evanescência da enunciação? Haveria elementos que possam ser considerados “regulares” em se tratando de enunciação? Talvez esses questionamentos estejam bastante claros para grande parte da área. Para mim, não estão. Por isso, julgo imprescindível problematizar tais questões em estudos posteriores.

Enfim, para que se possa conferir mais consistência e legitimidade ao trabalho, faz-se necessário estudar as noções que de alguma forma possam estar relacionadas à noção de espaço na obra de Benveniste, buscando, desse modo, entender sua teoria como um todo em que as partes não são independentes, antes o contrário, estão intimamente ligadas entre si.

REFERÊNCIAS

- _____. [1946]. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995, p. 247-249.
- _____. [1948]. *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*. Paris: Maisonneuve, 1948.
- _____. [1956]. A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995, p. 277-283.
- _____. [1958]. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995, p. 284-293.
- _____. [1965]. A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006, p. 68-80.
- _____. [1969]. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. Paris: Minuit, 1969.
- _____. [1970]. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006, p. 81-90.
- ARESI, F. Os índices específicos e os procedimentos acessórios da enunciação. *ReVEL* – Revista eletrônica de Linguística da UNISINOS, São Leopoldo, v. 9, n.16, p. 262-275, 2011.
- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora brasiliense, 1988.
- BENVENISTE, E. [1935]. *Origine de la formation des noms en indo-européen*. Paris: Maisonneuve, 1935.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 456.
- DESSONS, Gérard. La subjectivité. In: _____. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: IN PRESS, 2006, p. 97-113.
- FILINICH, M. I. *Enunciación*. Argentina: EUDEBA, 1998.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- FLORES, V. et al. (Org.). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FLORES, V. Sujet de l'énonciation et ébauche d'une réflexion sur la singularité énonciative. In: NORMAND, Claudine (Org.). *Paralleles floues: vers une théorie du langage*, no prelo.
- FLORES, V.; TEIXEIRA, M. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.
- NORMAND, C. Leituras de Émile Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. *Letras de hoje*. Porto Alegre, PUCRS, volume 44, p. 12-19, jan/mar. 2009.
- ONO, A. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert Lucas, 2006.
- PROJETO BENVENISTE ON-LINE. Disponível em <http://www6.ufrgs.br/letras/benvenisteonline/>. Acesso em: 12 jul. 2011.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.